



- Leitor iniciante
- Leitor em processo
- Leitor fluente

LUÍS DONISETE BENZI GRUPIONI

O que é, o que é? – O pajé e as crianças numa aldeia guarani

PROJETO DE LEITURA

Elaboração: Luísa Nóbrega
Coordenação: Maria José Nóbrega

- Leitor em processo – 2º e 3º anos do Ensino Fundamental

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenualmente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.



LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero



O que é, o que é? – O pajé e as crianças numa aldeia guarani

LUÍS DONISETE BENZI GRUPIONI



SOBRE O AUTOR

Luís Donisete Benzi Grupioni nasceu e vive em São Paulo. Antropólogo, estudou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, onde fez mestrado e doutorado em Antropologia Social. Realizou pesquisa de campo entre os Bororo, no Mato Grosso, e entre os Zo'é e Tiriyo', no norte do Pará. Atualmente é coordenador do Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – Iepé, organização que atua entre os povos indígenas no Amapá e norte do Pará, e secretário-executivo de uma rede de cooperação entre organizações indígenas e indigenistas que trabalham na Amazônia (RCA). Foi assessor do Ministério da Educação e realizou consultorias para a Unesco, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Conselho Nacional de Educação, Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e Museu do Índio – Funai. Foi professor associado do curso de licenciatura indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e do curso de licenciatura indígena da Universidade de São Paulo, quando, atuando na formação de índios como professores, entrou em contato com a arte das adivinhações guarani, os *mbaravija*. Foi curador de várias exposições etnográficas e fotográficas sobre os povos indígenas no Brasil e no exterior. É Cavaleiro da Ordem Nacional do Mérito Educativo, desde 2002, por indicação da Presidência da República do Brasil.



RESENHA

O que é, o que é? – O pajé e as crianças numa aldeia guarani, de Luís Donisete Benzi Grupioni, é mais do que simplesmente um livro de adivinhas, é também um livro jogo, com proposições lúdicas e saborosas adivinhas. A adivinha envolve uma charada a

ser decifrada. Ela propõe uma cadeia de analogias, convidando o leitor a desvendar o que está escondido, a aproximar-se do mecanismo que rege as comparações e as metáforas. Nesse livro, porém, com delicadeza, à medida que nos apresenta a arte da *mbaravija* – adivinhação, para os Guarani –, o autor vai introduzindo o leitor nos hábitos e costumes desse povo complexo.

O livro tem o mérito de nos aproximar da vida que vivem hoje, no mundo contemporâneo, desmontando estereótipos de modo bastante sutil. Ao mesmo tempo que mantêm muitos de seus hábitos e costumes antiquíssimos, e continuam a cultivar a terra segundo sua sabedoria própria, que dialoga com a natureza sem explorá-la, os Guarani também incorporaram elementos da cultura ocidental ao seu modo de vida.

As respostas das adivinhas por si mesmas desmontam clichês: se algumas das respostas apontam para espigas de milho e partes do corpo humano, outras mostram que objetos como *óculos*, *tesoura* e *violão* há tempos já fazem parte do cotidiano dos Guarani. Luís Donisete, com delicadeza, aproxima o universo indígena do universo de referências do leitor, ao mesmo tempo que aponta para suas peculiaridades. A cultura indígena, assim como a nossa, é uma cultura viva, dinâmica, que se encontra a todo o momento em transformação.

Diferente de outros países da América Latina, como o Peru, o México e a Bolívia, em que as tradições dos povos pré-hispânicos mantêm-se vivas e constituem em parte a identidade da população local, muitos brasileiros mantêm-se afastados das tradições indígenas. Trata-se de um arcabouço cultural multifacetado e complexo: antes da chegada dos portugueses, cerca de 900 povos distintos, falando por volta de 1100 línguas diferentes, habitavam o território amplo que mais tarde se tornaria o Brasil. Nos dias de hoje, 250 povos indígenas habitam o território brasileiro. Apresentar às crianças um pouco do universo indígena é uma maneira de desconstruir preconceitos e generalizações, de permitir que descubram a complexidade e a diversidade desses povos que a arrogância do pensamento colonizador nos acostumou a encarar como primitivos.



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: adivinhas.

Palavras-chave: enigmas, cultura guarani, jogos verbais.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa.

Temas transversais: Pluralidade Cultural.

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental).

Antes da leitura

1. Revele aos alunos o título do livro que provavelmente fará com que pensem no jogo de adivinhação. Que adivinhas conhecem? Estimule-os a compartilhar as de que se lembram.

2. Chame atenção para o subtítulo: “O pajé e as crianças numa aldeia guarani”. O que é um pajé? Que função costuma desempenhar na comunidade? A partir dos conhecimentos prévios dos alunos, traga a eles informações mais precisas.

3. Leia com a turma o texto da quarta capa. O que faz um antropólogo? Qual é o seu objeto de pesquisa?

4. Para que a turma conheça um pouco mais dos Guarani, uma das maiores etnias indígenas das Américas, cujo território abrange, além do Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai, leia compartilhadamente o texto explicativo disponível nas páginas 37 e 38.

5. Leia para os alunos também o texto da seção *Autor e Obra*, nas páginas 39 e 40, para que conheçam um pouco da trajetória do autor do livro e sua relação com os povos indígenas do Brasil.

Durante a leitura

1. Sugira que os alunos prestem atenção às informações fornecidas pelo autor do livro a respeito dos hábitos e dos costumes dos Guarani, ao longo do livro, enquanto o pajé desafia as crianças da aldeia com suas adivinhas.

2. Desafie os alunos a, cada vez que o pajé lançar uma pergunta (que aparece sempre destacada do restante do texto, com letras maiúsculas), tentar encontrar a resposta antes que uma das crianças apresente a correta nas páginas seguintes.

3. No decorrer do livro, o autor vai apresentando ao leitor alguns termos em tupi-guarani. Peça aos alunos que tomem nota desses termos e de seu sentido, construindo um pequeno glossário.

4. Proponha que os alunos prestem atenção às belas ilustrações de Mauricio Negro, procurando perceber como o ilustrador joga com a proximidade e a distância, e como cria efeitos de luminosidade com sutis variações de cor.

5. Nas páginas 32 a 36, depois do desfecho do texto, o autor apresenta uma série de adivinhas em pequenos balões. Nesse momento, o livro torna-se um livro jogo, que não deve ser lido convencionalmente. Reserve uma das aulas para propor essas adivinhas como desafios para a classe, assim como o pajé costuma fazer com as crianças da aldeia guarani. Para não estragar a

brincadeira, peça aos alunos que resistam à tentação de ler as respostas, que aparecem em fonte bem pequena na página 36.

Depois da leitura

1. Procure saber se existe uma aldeia guarani próxima à cidade. Se houver, verifique se é possível agendar uma visita ou convidar um morador da aldeia para vir à escola conversar com as crianças.

2. Proponha que os alunos realizem uma pesquisa sobre diferentes povos indígenas no Brasil. Apresente a eles o *site* <http://pib.socioambiental.org/pt>. Na página de abertura, leem-se nomes de diferentes povos que habitam o país. É possível, então, clicar em um dos nomes e saber um pouco mais de informações a respeito do grupo em questão. Divida a turma em pequenos grupos e proponha que, tomando o *site* como referência, cada um realize uma pesquisa a respeito de um povo diferente.

3. Ouça com seus alunos algumas das canções dos Guarani no álbum *Nande Reko Arandu* (disponível na íntegra no *link* <https://www.youtube.com/watch?v=l469uaunv6A>, parte integrante do projeto *Memória Viva Guarani*. As canções são cantadas por grupos de crianças de quatro aldeias guarani: Sapucaí, na cidade de Angra dos Reis; Rio Silveira, em São Sebastião; Morro da Saudade, na cidade de São Paulo, e Jaexaá Porã, em Ubatuba. As gravações foram realizadas na aldeia Jaexaá Porã. Todas as canções do álbum têm como tema a espiritualidade. Proponha que a turma realize uma pesquisa a respeito das crenças dos Guarani, se possível trazendo alguns de seus mitos para recontar para a classe.

4. No *site Jangada Brasil*, é possível encontrar uma coletânea com cem adivinhas da cultura popular brasileira: <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/marco100/es1000308.asp>. Selecione algumas delas e lance-as como desafios para a turma.

5. Proponha que os alunos, em duplas, criem suas próprias adivinhas – ao menos três diferentes. Em seguida, proponha um momento de jogo em que seus alunos tentem solucionar as adivinhas uns dos outros.

6. Assista com a turma ao documentário *Ñande Guarani* (Nós, Guarani), que retrata o povo guarani, seus costumes, seus territórios, seus conflitos e dilemas no convívio com os brancos. Disponível no *link* <https://vimeo.com/55170473>.



DICAS DE LEITURA

1. DO MESMO AUTOR

- *Viagem ao mundo indígena*. São Paulo: Berlendis e Vertecchia.
- *Juntos na aldeia*. São Paulo: Berlendis e Vertecchia.

- *Índios no Brasil*. São Paulo: Global.
- *Coleções e expedições vigiadas*. São Paulo: Hucitec.

2. SOBRE O MESMO ASSUNTO

- *Kuery*, de Júlio Emílio Braz. São Paulo: Moderna.
- *A flecha traiçoeira*, de Pedro Bandeira. São Paulo: Moderna.
- *Roda de histórias indígenas*, de Poranduba. Rio de Janeiro: NAU.
- *Puratig: O remo sagrado*, de Yaguarê Yamã. São Paulo: Peirópolis.